

Preparativos dos Jogos agitam o Rio

Bianca Montarroyos

O Centro de Convenções da Bolsa de Valores do Rio foi palco do 5º Seminário Rio Cidade Sede - o último da série de eventos que o Jornal O Globo promoveu este ano com o objetivo de debater e apresentar um panorama de como as diversas áreas envolvidas nos Jogos Olímpicos de 2016 estão se preparando para receber um evento esportivo deste porte.

Dan Epstein, diretor de sustentabilidade dos Jogos de Londres de 2012, foi o convidado ilustre do encontro que discutiu o planejamento orçamentário dos Jogos Olímpicos.

O ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, afirmou que já é evidente, mesmo de forma abstrata, que a escolha do Rio como sede das Olimpíadas de 2016 fez bem ao Brasil.

"A Olimpíada é um bem para o Brasil e para a cidade do Rio e sem dúvida ampliará o interesse do governo na cidade", disse o ministro, para quem os Jogos obrigam o governo a tomar atitudes de correção. "Nós não temos infraestrutura de esporte nas escolas, isso é quase um escândalo nas regiões mais pobres do país. A Olimpíada nos obriga a pensar nesta situação e corrigi-la", afirmou.

Para ele, o aspecto mais importante das Olimpíadas será o seu legado. O governo federal projetou investir R\$ 23 bilhões em obras e serviços, divididos entre os governos federal, estadual e municipal. "O impacto econômico será muito grande numa cadeia muito vasta e setores econômicos", afirmou.

Rebelo lembrou que, diferentemente da Copa, que acontecerá no Brasil inteiro, os governos precisam se esforçar mais no sentido de fazer as Olimpíadas darem certo em um só local.

"Nas Olimpíadas precisaremos e maior esforço para colocá-la de pé, embora tenhamos realizado os Jogos Panamericanos, que já deixaram um legado de equipamentos e conhecimento", disse o ministro, que destacou o fato de haver, no Brasil, centros de excelência subaproveitados.

"Temos centros de excelência subaproveitados: um deles se encontra nas Forças Armadas, no exército, onde temos tradição em educação física e ciência do esporte; temos outros nas universidades. O Estado pode tomar como apoio este conhecimento vindo das universidades e do Exército.", comentou.

LEGADO

Dan Epstein, diretor de sustentabilidade nos Jogos Olímpicos de 2012 em Londres, falou de cinco passos importantes para se obter sucesso no resultado do trabalho e organização dos Jogos Olímpicos: divulgação, liderança, planejamento, tomada de decisões e transparência.

"Todos querem saber o que está acontecendo, por isso é preciso compartilhar informações, as decisões tomadas por nossas lideranças excelentes foram críticas para o sucesso. Além disso, o planejamento excelente resultará em jogos excelentes e a transparência trará a credibilidade", disse Epstein.

Epstein falou da importância da construção de uma cidade olímpica levando-se em consideração todos os aspectos ambientais e o cuidado com a informação, assuntos muito discutidos durante a organização das Olimpíadas em Londres.

"Tomamos cuidados e nos envolvemos num processo muito complexo que envolvesse o público e a mídia", destacou Epstein, lembrando que havia muita descrença por parte dos londrinos em relação aos Jogos.

"O povo londrino não confiava nos projetos e nem nos prazos, principalmente porque os orçamentos sofrem reajustes. Mas seguindo os preceitos da visão, planejamento, tomada de

decisão e liderança, conseguimos fechar todo o projeto no tempo e gastos planejados", falou Epstein.

Apesar de não serem populares na época da escolha da cidade que sediará as Olimpíadas de 2012, Epstein conta que expuseram o que tinham de melhor. "Prometemos Jogos que iriam envolver jovens e diversidade. Temos uma comunidade muito diversa, e dissemos que faríamos o maior jogo da história sem saber o que isso significaria exatamente", contou Epstein.

Segundo ele, o local escolhido para a construção da cidade Olímpica foi uma região deteriorada da cidade, o que será, segundo ele, um dos legados das Olimpíadas de Londres de 2012: levar nova vida a um local esquecido.

"Pegamos uma parte deteriorada da cidade e construímos um parque olímpico, uma área do tamanho de Veneza. É uma área que poderá, com o tempo, atingir o dobro do tamanho de Veneza", disse Epstein. Ele abordou ainda as questões climáticas e a mudança na cultura dos ingleses.

"Problemas com o clima e emissão de gases poluentes eram questões a serem discutidas, por isso passamos a utilizar os princípios da cidade social. Os ingleses se adaptaram ao uso da bicicleta como meio de transporte e novas tecnologias ainda serão trazidas aos transportes públicos, como a informação sobre o horário dos ônibus através do celular", contou Epstein.

Ainda sobre o legado das Olimpíadas, Epstein disse que a ideia era criar algo que durasse 100 anos. "O legado após os Jogos foi o que permeou todo o nosso projeto. Queríamos que toda a parte reestruturada pertencesse à cidade, queríamos integrá-la às comunidades em torno dela, inclusive dando oportunidade de trabalho a esta comunidade durante a execução do projeto", disse.

Marcio Fortes, presidente da Autoridade Pública Olímpica, a APO, consórcio público criado pelo governo federal para coordenar as ações governamentais para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, falou da importância de ter todas as fontes de informação definidas e bem delimitadas.

"Há logicamente a curiosidade por parte da sociedade de saber sobre a administração do orçamento e dos prazos, por isso a informação transparente, definida e bem delimitada são de suma importância durante a administração de prazos e valores", disse.

Segundo Fortes, diferente de Londres, no Brasil já havia um programa de parcerias. "Já tínhamos um passado de investimentos começado antes da indicação à candidatura. No Rio, não concentraremos os fogos em uma única área. Temos o Maracanã, o Engenhão, Deodoro, Barra, Copacabana e Marina da Glória, áreas que já têm instalações esportivas construídas, áreas já servidas por transportes, saneamento e habitação", disse.

Quanto ao orçamento, Fortes disse que é variado e que não dá para falar num orçamento final, é sim no que está envolvido nele.

"Na nossa montagem do orçamento, havia outros pontos importantes a se considerar: acomodação, segurança e principalmente o tratamento dispensado à mídia, que são veículos de divulgação do evento. Dependemos das mudanças tecnológicas que vão ocorrendo até a chegada dos Jogos, o que acarreta um gasto com manutenção. Também dependemos de boa recepção nos aeroportos, o que significa investimento em segurança e adaptação em relação aos atletas dos Paralímpicos. São essas as nossas questões. Londres teve que começar do zero. Aqui no Rio, nossa obrigação é coordenar e entregar", disse Fortes.

ORÇAMENTO

Leonardo Gryner, diretor geral do Comitê Rio 2016, disse que ainda estão operando com um orçamento abaixo do planejado.

"Para este ano estava previsto o gasto de R\$ 137 milhões; até outubro deste ano era para termos gasto R\$ 110 milhões, mas ainda estamos operando com R\$ 85 milhões, abaixo do planejado", disse Gryner, lembrando que 70% da verba seria investida no Rio ainda que a cidade não tivesse se candidatado aos Jogos. Para 2012, está previsto um orçamento de R\$ 205 milhões. Maria Silvia Marques, presidente da Empresa Olímpica Municipal, criada para coordenar e trazer transparência aos projetos e gastos com as Olimpíadas, disse que a Prefeitura tem trabalhado em quatro eixos: transporte, meio ambiente, infraestrutura urbana e desenvolvimento social.

"A capacidade dos transportes aumentará de 16% para 50 %; no meio ambiente teremos o saneamento e sistemas laguna- res recuperados; na infraestrutura urbana temos em andamento o projeto do Porto Maravilha, uma iniciativa privada que já será uma grande mudança para a cidade e no desenvolvimento social teremos todas as favelas da cidade urbanizadas", disse.

Para Maria Silvia, em 2016 o carioca vivenciará uma nova cidade. Todo o andamento dos projetos e orçamentos já podem ser conferidos no site www.cidadeolimpica.com.

Fonte: Propmark, São Paulo, 12 dez. 2011, p. 6.